



Domingo, 10.07.2011

QUEM É QUEM



Ed Nobre (Francisco Edvan Nobre) é natural de Lago da Pedra (MA), mas residente em Imperatriz (MA), onde atua como professor e técnico do ensino. É graduado em Letras - Português e Inglês - pelo Centro de Estudos Superiores de Imperatriz (CESI) da Universidade Estadual do Maranhão.

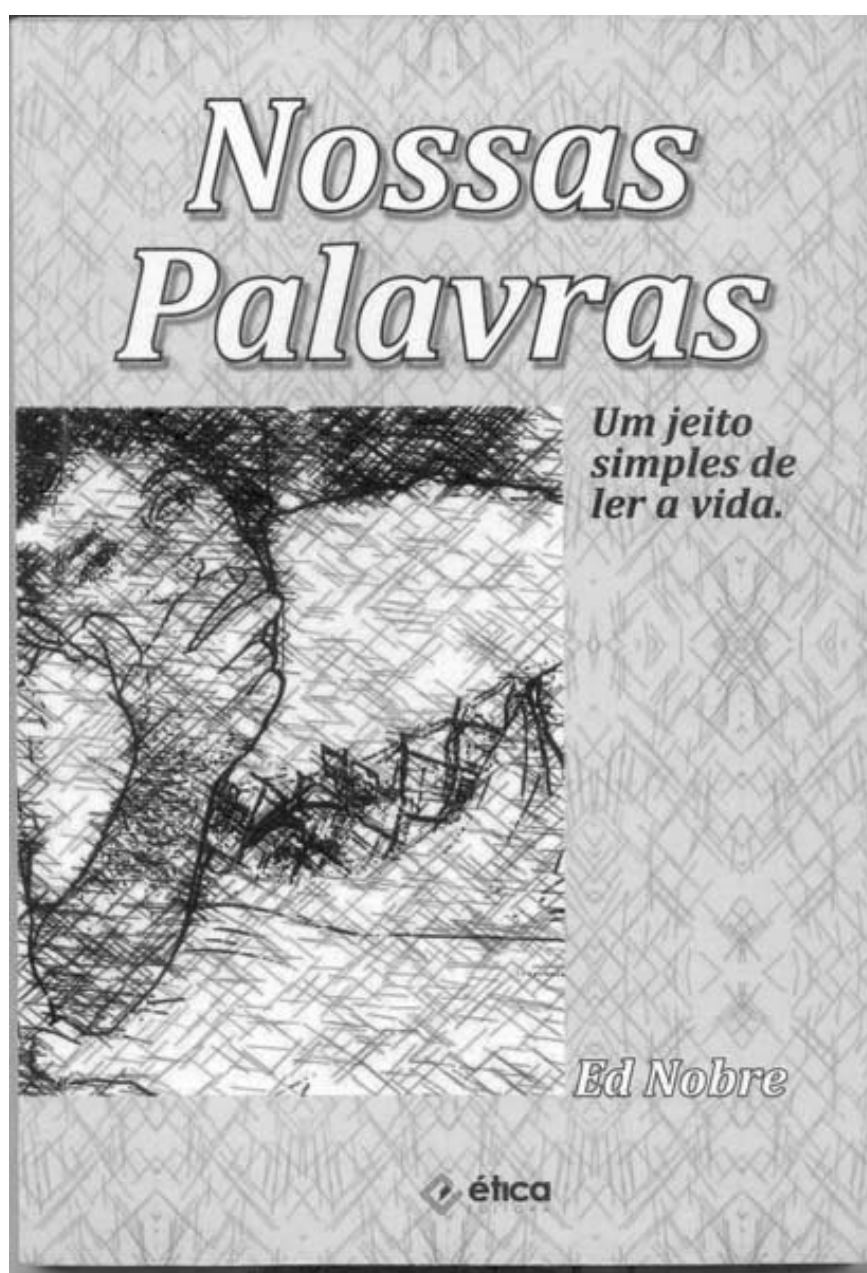
Como professor formador, atuou no Programa de Formação para Professores Alfabetizadores - (PROFA), de 2001 a 2006, em Imperatriz; multiplicador do Programa ARCO (Aprendizagem Reconstitutiva do Conhecimento), de 2002 a 2004, também em Imperatriz. Foi coordenador do Núcleo de Creches de Imperatriz, em 2007 e 2008; formador do Programa Gestão da Aprendizagem Escolar (GESTAR II / Língua Portuguesa), em 2009, em Imperatriz e João Lisboa - MA; membro da Comissão de Ciência e Tecnologia do Município de Imperatriz (COMCITEC), em 2010 e 2011 e atualmente está na coordenação de Eventos da Secretaria Municipal de Educação de Imperatriz (SEMED) e do grupo de formação da mesma casa (Prova Brasil e outras).

Como professor do ensino médio e fundamental, lecionou na Escola Estadual Adelina Lopes (professor de Língua Inglesa - EJA, ensino médio), em 2003 e 2004; na Escola Municipal Darcy Ribeiro (professor de Arte Educação), em 2006; na Escola Municipal Marechal Rondon (ensino fundamental menor - 5º ano), de 1998 a 2001. Desde 2007 é professor na Escola Davi Alves Silva (fundamental maior).

Os meus sonhos iam-se com o tempo, mas o tempo refazia os meus sonhos.

Ed Nobre

ABAIXO, ALGUNS POEMAS DO LIVRO DO ESCRITOR ED NOBRE



IMPERFEIÇÃO DO HOMEM

As saudades não são eternas,
Elas são ternas para o amor.
Elas são mágoas para a dor.
O amor aceita as imperfeições.
O homem só aceita a perfeição.
Como é difícil o homem viver!
Pois no mundo não há perfeição.
No mundo há eu, há você, há os outros,
Seres imperfeitos,
E que não sabem perdoar de coração.
O homem se nega a aceitar que amar faz bem.
O homem se nega a entender o amor do outro.
O homem se abstém do alimento,
Que o eleva a perfeição.
O homem se abstém da nutrição
Perfeita da perfeição.
Eu, você, sentimos saudades,
Nós vivemos na saudade,
Simplesmente por ser imperfeito
O jeito de amar do homem.
E nos aceitamos e vivemos assim...

MELODIA VORAZ

O poder sonhar mais que bem viver,
O poder viver mais que bem querer,
O poder querer mais que bem sentir,
O poder sentir mais que bem amar,
O poder amar mais que bem morrer.

Delírios, vibrações e ódios,
Alojados no voraz corpo do homem.
Desejos, amores e poesias,
Alojados na carcaça da alma humana.

Vida insana, vida imatura, vida mundana.
Mundo valente, mundo cansado, mundo ausente.
Tempo cruel, eleva a idade, saqueia a maturidade.

Solidão de corpo, solidão de alma.
Tudo vem, tudo passa,
Poetas choram, não vivem a verdade.
E se vai numa melodia voraz
A tua ânsia de sondar o bem.

T O C A N T I N S

Tocantins
Este rio tão imperador.

Tocantins
Este rio que traz beleza.
Este rio que traz chamego.

Tocantins
Este rio de graça histórica.
Este rio de graça musical.
Este rio de graça poética.

Tocantins
Este rio de canoas, barcos e balsa.
Este rio de ponte e de praias.
Este rio de lavadeiras e pescadores.
Este rio de meninos e meninas.

Tocantins
Este rio que me eleva e me leva.
Este rio que me abana e me banha.
Este rio que me esvazia e me sacia.
Este rio que me apazigua e me...

Este rio que me canta e me encanta.

Tocantins
Este rio de Procópio e de Dom Gilberto.
Este rio de Amaro Batista e de Madeira.
Este rio de Edelvira, de Neneca e de Lília.
Este rio de Bragança, de Zeca e de Lena.
Este rio de Milesi, de Livaldo e de Sanches.
Este rio de 'Portal da Amazônia' e de Imperatriz.

Tocantins
Este rio de colônia a metrópole

Tocantins
Este rio tão imperador!...



Página sob a responsabilidade do acadêmico LIVALDO FREGONA desde sua criação: llivaldo@jupiter.com.br

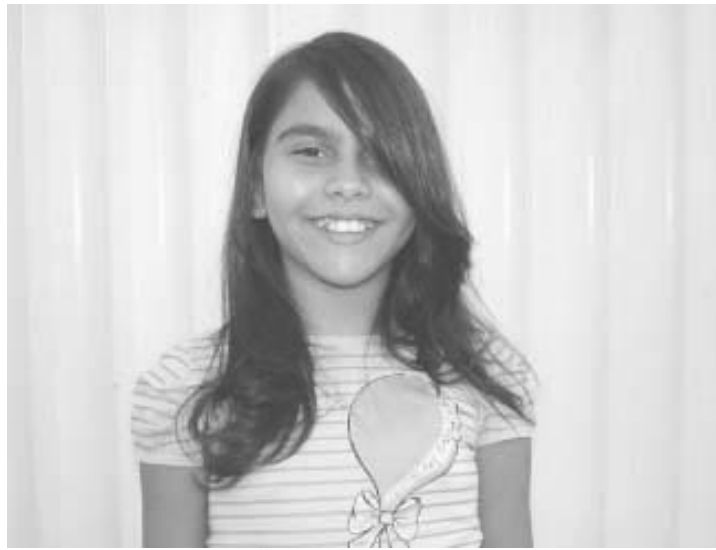
POUCA COISA ME SATISFAZ E ALEGRA MAIS DO QUE ANUNCIAR A CHEGADA PROMISSORA DE UMA CRIANÇA QUE DESEJA TORNAR-SE ESCRITORA.

SINÓPSE DO LIVRO TIÃO E DALILA

Seu primeiro ensaio vem cheio de criatividade. Conta a história de Tião, um carneirinho que, num belo dia, aventurou-se, com a patinha Marildete, a conhecer o mundo. Andando e cantando pela estrada, os dois encontraram Dalila, uma égua de longas e lindas crinas, tão lindas e longas como foram os cabelos da princesa Rapunzel. Sem que o soubesse, as crinas eram-lhe motivo de força descomunal.

Convidada, Dalila aceitou acompanhar os dois novos amigos. Sempre caminhando, Tião, Marildete e Dalila, certo dia, encontraram a família de Marildete e concordaram que ela ficasse com ela. Tião e Dalila continuaram caminhando. Ao encontrarem uma cidade de formigas em apuros, porque precisavam construir, com urgência, um abrigo, foram surpreendidos por cinco homens que caçavam e aprisionavam animais silvestres. Esses homens, depois de cortarem as lindas crinas de Dalila, (suprimindo sua força) aprisionaram-na numa jaula e a levaram.

Tião ficou longo tempo desesperado, pensando numa maneira de libertar Dalila. Foi quando percebeu que sua lã crescera e que se tornara, como Dalila, senhor de força descomunal. Derrubando tudo o que lhe ameaçava obstar o caminho, ele libertou Dalila e, juntos, continuaram, felizes, sua aventura.



Isabela de Souza Leopoldino é filha da doutora Ilma Aparecida de Souza e de José Paulo Leopoldino, egressos da Barra do Bugre, Mato-Grosso, há oito anos. Isabela tem dez anos de idade, estuda na escola Arte de Educar, diz amar Imperatriz e tudo fazer pelo engrandecimento da terra que tão bem acolheu sua família.

Inteligente, aplicada e cheia de possíveis sonhos, já escolheu, entre eles, o que mais a fascina: **SER ESCRITORA.**

A pequena Isabela é uma escritora criança que escreve para leitores de sua faixa etária. Veja um trecho do livro que será brevemente lançado:

“– Olha, Dalila, que grande me parece... Parece-me...”

E, antes que Tião terminasse, uma miniatura de formiga gritou. Seu grito foi mais ou menos assim:

– Será que alguém pode me ajudar?

Então, Tião disse:

– Ouviu algo, Dalila?

– Acho que sim, Tião... Olhe, Tião, uma formiguinha.

Tião disse:

– Oh, não é apenas uma formiguinha... Não a julgue pela aparência; por fora, ela é pequenininha, mas, por dentro, pode ser maior que nós.

– Preciso de folhas secas para cobrir a nossa casa, para nos proteger da chuva. A propósito, meu nome é Fu. Sou chefe de construção daqui.

Dalila se dispôs a trazer todas as folhas de que as formigas precisassem. E, apresentou-se:

– Meu nome é Dalila, e esse é Tião. Nós estamos dispostos a ajudar no que for preciso.”

Bem, a história toda você verá brevemente, lendo o livro de Isabela.

CAMINHOS POR ONDE ANDEI

*Viegas

Nesta Imperosa de todos nós, tenho a honra de manter um breve convívio, uma modesta afinidade e um singular “oba-oba” com uma das pessoas mais autênticas e dono de ímpar dignidade que conheço sobre a face do chão. Trata-se do Dr. GREGÓRIO SODRÉ NETO, engenheiro de formação e batente mas antes de tudo e sobretudo, um exemplar espécie da raça humana, uma caráter a toda prova, pés no chão como poucos e a toda prova. Modéstia e simplicidade em pessoa. Verbo livre que se faz carne. Espontaneidade e a mesma cara de sempre. Isso de longe, é apenas um breve perfil desse Dr. GREGÓRIO que se faz gente: gente que não voa nos ares; gente que pisa ao chão.

Conheci-o ainda nos bancos escolares do segundo grau, lá pelos nossos quinze anos, nos “tempos eteselitanos”, da nossa eterna e pranteada Escola Técnica Federal (hoje IFMA), quando todos tínhamos um codinome: ele “Al Capone” e eu, “São Jorge”. E tínhamos já àquele tempo, cumprimentos singulares, como, enfim, a singularidade atravessou o tempo, até hoje. Mas isso não me faz o argueiro, a que não possa ver, louvar e aplaudir os seus méritos, sua honradez, seus valores cristãos, sua sensibilidade cidadã. Dr. Gregório ama de paixão a sua pequena São Vicente Férrer, na Baixada - para onde volta sempre (e sempre) carregado de emoção, num incrível apego às suas origens e seu chão.

Embora nunca tenhamos tomado sequer um café à mesma mesa ou à mesma roda, de quando em vez temos e-mails: – mando-lhes os meus textos e ele me manda boas coisas que capta da internet. E, como sempre, uma proveitosa e GRANDE LIÇÃO. Dele, esta semana, recebi o texto abaixo que honra-me dividir “ipsis litteris”, em itálico, como da ética - com os leitores destes... CAMINHOS POR ONDE ANDEI.

lho de um marceneiro que morreu depois de ser atropelado por uma motocicleta. O menor ajuizou uma ação de indenização contra o causador do acidente pedindo pensão de um salário mínimo mais danos morais decorrentes do falecimento do pai.

Por não ter condições financeiras para pagar custas do processo o menor pediu a gratuidade prevista na Lei 1060/50. O Juiz, no entanto, negou-lhe o direito dizendo não ter apresentado prova de pobreza e, também, por estar representado no processo por “advogado particular”. A decisão proferida pelo Tribunal de Justiça de São Paulo a partir do voto do Desembargador Palma Bisson é daquelas que merecem ser comentadas, guardadas e relidas diariamente por todos os que militam no Judiciário.

Transcrevo a íntegra do voto:

“É o relatório. Que sorte a sua, menino, depois do azar de perder o pai e ter sido vitimado por um filho de coração duro - ou sem ele -, com o indeferimento da gratuidade que você perseguia. Um dedo de sorte apenas, é verdade, mas de sorte rara, que a loteria do distribuidor, perversa por natureza, não costuma proporcionar. Fez caber a mim, com efeito, filho de marceneiro como você, a missão de reavaliar a sua fortuna.

Aquela para mim maior, aliás, pelo meu pai - por Deus ainda vivente e trabalhador - legada, olha-me agora. É uma plaina manual feita por ele em pau-brasil, e que, aparentemente enfeitando o meu gabinete de trabalho, a rigor diuturnamente avisa quem sou, de onde vim e com que cuidado extremo, cuidado de artesão marceneiro, devo tratar as pessoas que me vêm a julgamento disfarçados de autos processuais, tantos são os que nestes vêem apenas papel repetido. É uma plaina que faz lembrar, sobretudo, meus caros dias de menino, em que trabalhei com meu pai e tantos outros marceneiros como ele, derretendo cola coqueiro - que nem existe mais - num velho fogão a gravetos que nunca faltavam na oficina de marcenaria em que cresci; fogão cheiroso da queima da madeira e do pão com manteiga, ali tostado no paralelo da faina menina.

Desde esses dias, que você menino desafortunada-

mente não terá, eu hauri a certeza de que os marceneiros não são ricos não, de dinheiro ao menos. São os marceneiros nesta Terra até hoje, menino saiba, como aquele José, pai do menino Deus, que até o julgador singular deveria saber quem é. O seu pai, menino, desses marceneiros era. Foi atropelado na volta a pé do trabalho, o que, nesses dias em que qualquer um é motorizado, já é sinal de pobreza bastante. E se tornava para descansar em casa posta no Conjunto Habitacional Monte Castelo, no castelo somente em nome habitava, sinal de pobreza exuberante. Claro como a luz, igualmente, é o fato de que você, menino, no pedir pensão de apenas um salário mínimo, pede não mais que para comer. Logo, para quem quer e consegue ver nas aplainadas entrelinhas da sua vida, o que você nela tem de sobra, menino, é a fome não saciada dos pobres.

Por conseguinte um deles é, e não deixa de sê-lo, saiba mais uma vez, nem por estar contando com defensor particular. O ser filho de marceneiro me ensinou inclusive a não ver nesse detalhe um sinal de riqueza do cliente; antes e ao revés a nele divisar um gesto de pureza do causídico. Tantas, deveras, foram as causas pobres que patrocinei quando advogava, em troca quase sempre de nada, ou, em certa feita, como me lembro com a boca cheia d'água, de um prato de alvas balas de coco, verba honorária em riqueza jamais superada pelo lúdico e inesquecível prazer que me proporcionou.

Ademais, onde está escrito que pobre que se preza deve procurar somente os advogados dos pobres para defendê-lo? Quiçá no livro grosso dos preconceitos... Enfim, menino, tudo isso é para dizer que você merece sim a gratuidade, em razão da pobreza que, no seu caso, grita a plenos pulmões para quem quer e consegue ouvir. Fica este seu agravo de instrumento então provido; mantida fica, agora com ares de definitiva, a antecipação da tutela recursal. É como marceneiro que voto.

JOSÉ LUIZ PALMA BISSON — Relator Sorteado”

Viegas é advogado, promete utilizar-se do texto em suas petições judiciais. E questiona o social.

E-mail: mailto:viegas.adv@ig.com.br

Decisão do Desembargador José Luiz Palma Bisson, do Tribunal de Justiça de São Paulo, proferida num Recurso de Agravo de Instrumento ajuizado contra despacho de um Magistrado da cidade de Marília (SP), que negou os benefícios da Justiça Gratuita a um menor, fi-



ESPAÇO DAS LETRAS

PÁGINA PUBLICADA SEMANALMENTE,
AOS DOMINGOS, SOB
RESPONSABILIDADE DA A.I.L.
Paço da Cultura - Rua Urbano Santos s/n - Imperatriz - MA
Editor: LIVALDO FREGONA

Notícias da Academia

Por Francisco Itaerço

Estiveram presentes na reunião desta quinta-feira, os acadêmicos: Agostinho Noleto, Francisco Itaerço, Raimundo Trajano, Arnaldo Monteiro, Zé Geraldo, Domingos César Ribeiro, Gilmar Pereira e ainda as visitantes, Ana Cláudia Rodrigues e Dani Santana. Agostinho Noleto, na direção dos trabalhos, leu correspondência do prefeito Madeira parabenizando e agradecendo a Academia pela realização do 9º SALIMP e dizendo: **estaremos juntos no 10º SALIMP.**

Ana Claudia Rodrigues e Dani Santana convidaram os acadêmicos para a abertura da **Livraria e Papelaria Nobel**, dia 20/07/2011, no SHOPP TOCANTINS. No dia da inauguração será lançado o livro: "CONTOS REUNIDOS", escrito por 10 membros da AIL.

O confrade **Arnaldo Monteiro** convidou os demais confrades e congreiras a prestigiá-lo dia 16/07/2011, no Palácio do Comércio. No momento, o referido confrade estará recebendo a Comenda Jurivê de Macedo, entregue pelo prefeito Madeira, pelos relevantes serviços prestados à cultura Imperatrizense.

Durante a reunião, além da costuma poesia declamada pelo confrade Francisco Itaerço na abertura dos trabalhos, foram discutidos assuntos relacionados com o 9º SALIMP e dadas sugestões para melhoria do 10º SALIMP. O confrade Zé Geraldo fez comentários, apontando falhas e dando sugestões.

Aniversariantes do mês de julho

Da esquerda para a direita:
Domingos César - 06; Lourival Serejo - 18; Zacarias Martins- 23.



Tendo, nessas ocasiões, o bom costume de felicitar os amigos e confrades, o endereço completo você encontrará no site da Academia:

www.jupiter.com.br/socultura, no link Endereço dos acadêmicos.

ESPAÇO DAS LETRAS

PUBLICAÇÃO SEMANAL DA ACADEMIA IMPERATRIZENSE DE LETRAS

• **Presidente:** Edna Ventura
• **Vice-presidente:** Agostinho Noleto Soares
• **Comissão editorial:** Arnaldo Monteiro, Livaldo Fregona, Tasso Assunção e Edmilson Sanches.
• **Editoração eletrônica:** Livaldo Fregona
• **Revisão:** Arnaldo Monteiro e Livaldo Fregona
Tel.: (099) 3525-1047 - Imperatriz - MA

Saiba tudo sobre a AIL acessando o site:
<http://www.jupiter.com.br/socultura>
e-mail: llivaldo@jupiter.com.br



HOJE É DOMINGO DE EDNA VENTURA



A escritora, presidenta da Academia Imperatrizense de Letras, congreira Edna Ventura, hoje abdica de versos de sua lavra para absorver os sentimentais dizeres do poeta Américo Ventura que, por doce acaso do destino, é seu sogro. O senhor Américo completa, hoje, 93 anos de idade. Edna encontrou, na divulgação de **VERSOS INGÊNUOS**, um modo carinhoso de desejar ao senhor Américo Ventura, mais um Feliz Aniversário. Que assim seja.

SONHO INGÊNUO

Américo Ventura – Salvador – BA – 25/01/2011.

Contam Velhos sonhadores,
Lindo passado de amores,
Vidas que ditam primores
Tempo que não voltará.

Sim.

Fantástico e belo!
Imagem primaveril!...

Sonho meu, oh! Onde estás?
Ah!, só depois.

Ilusão!...

Sonhar? Jamais voltará!
Revê-lo? Como e quando?

Ouça: jamais tornará...



Academia Imperatrizense de Letras

Assembléia Geral Extraordinária

Edital

Eleição de membro efetivo para vaga da cadeira de nº 19



A Presidenta da **Academia Imperatrizense de Letras**, no uso de suas atribuições legais e estatutárias e na forma do que dispõe o art. 16 do Regimento Interno, considerando a declaração de vacância da cadeira 19, pelo falecimento de José de Ribamar Fiquene, convoca todos os acadêmicos para a Assembléia Geral Extraordinária, a ser realizada no dia 11 de agosto de 2011, às 17h, na sede da Academia, em primeira e única convocação, com a seguinte

Ordem do Dia:

Eleição do novo sócio efetivo titular da cadeira de número 19, vaga por morte de José de Ribamar Fiquene, patronato de Amaral Raposo.

As candidaturas à cadeira vaga poderão ser apresentadas até o dia 29 de julho de 2011, mediante requerimento e currículo de cada candidato (a), destacando sua atividade cultural, principalmente na literatura da Região Tocantina maranhense.

Imperatriz, 30 de maio de 2011

Edna Fonseca dos Santos Ventura
Presidenta



Anfrízio Meneses

“Nós sabe mermo falá”?

carregue. E mais: que isso (essa coisa de ensinar errado) faz parte da “norma popular da língua portuguesa” (palavras delas!).

Como é que é?

“Norma popular da língua portuguesa”? Agora o circo está completo. Quer dizer que as nossas criancinhas do ensino fundamental irão medir a sua sabedoria ilustrando frases que dizem simplesmente porcaria alguma, quando o sentido do que está querendo mostrar, já foi pro “beleléu”?

Ah não, me venda outra!

Bem, mas por que falei que este cronistinha não ficou estarecido com aquela notícia? Explico: conheço professora que o que mais sabe fazer é falar errado. Esse negócio de não falar o plural (“as coisa”, “os meus aluno”); de não obedecer concordância (“tinha três”, “nós vai”); de inventar feminino de palavras que não variam (“menos”); de colocar o pronome oblíquo na frente do verbo (“para mim fazer”) ... Isso, pra ela, é a coisa mais natural do mundo!

Acredito até que essa professora deve ter alguma parceria com as autoras do livro acima citado. Sim, porque a expressiva e grosseira falta de concordância constante naquela “obra” (cujas “obreiras” mais sujaram do que explicaram) só podia ter partido de algumas “autodidatas”, (como tantas e tantas pais afora).

E fico aqui, perguntando para os meus botões: o que será dos nossos filhos? Não

falantes serão eles?

E já imagino o filho da professorinha escrevendo uma redação sobre as férias, depois que terminou seus estudos e aprendeu as novas regras gramaticais: “Eu e meus amigo, ‘nóis foi’ pra ‘fasenda’. Mas lá ‘nóis não tomou’ banho de açude porque ele tava sem água. As férias na ‘fasenda’ da minha vó foi belezaira, ta ligado? ‘Menos’ pra minha mãe que é professora e tava dando aula de ‘purtuguês”.

Que DEUS nos ensine e guarde!

E depois do zum-zum-zum sobre essa história do livro, uma das autoras foi se explicar: “Não somos irresponsáveis”, disse. Também acho. Irresponsáveis são as autoridades que aprovam essa baboseira para ser adotada em sala de aula. Irresponsável é a editora que aceita uma esculhambação desse tamanho para com a nossa língua falada, e certamente escrita. E, por fim, alguns professores que ensinam dessa forma!

Tem nada não! Se esse livro não chegar a ser adotado definitivamente, muita gente não vai precisar de lição maior do que certas amizades. No final das contas, se uma professora não sabe falar, não será um aluno seu que vai deixar de dizer: “Nóis aprendeu e nós sabe falá”.

Nós sabemos mesmo falar?

Alguém, além deste cronistinha de pouca tinta metido a escrita, não ficou estarecido ao se deparar com a notícia de que o Ministério da Educação adotou o livro “Por uma vida melhor” (da coleção “Viver, aprender”), contendo erros absurdos de concordâncias?

Eu? Achei normal!

Por que levar alguém ao túmulo somente por isso? Afinal de contas, o que nossos estudantes têm aprendido nas escolas? Quem são seus professores? Quais as suas qualificações?

Calma, nada de generalizar! É notório que temos excelentes escolas, dotadas com exemplares estruturas didático-pedagógicas e capitaneadas por exemplares mestres, sim senhor!

Pois bem. As digníssimas e competentes autoras da bancarrota literária citada acima querem, com espíritos magistras de quem também não aprenderam a escrever (e muito menos falar), que a língua portuguesa vá para os diabos que a



O movimento gay e a tradição milenar

No texto passado falamos sobre o primeiro casamento gay da história do Brasil. Mostramos a forte e entusiástica alegria que o movimento (gay) está vivenciando por conseguir algo que por tanto luta. Foi observado, ainda, que, apesar de os gays estarem eufóricos, não podemos nos alegrar quando relacionamos a união entre sexos iguais à perpetuação da espécie, uma vez que não contribui para manutenção da humanidade. Além do mais, dizia eu, alguns dos gays, talvez a maioria, parece esquecer que todos eles, sem exceção, foram frutos de uma relação familiar, ou seja, macho e fêmea. É incrível como isso é esquecido pelo movimento. Estão agindo como se fossem frutos deles mesmos.

Hoje, vamos dar continuidade a essa discussão. (Só lembrando, mais uma vez, que respeito a todos, e que não alimento nenhuma forma de discriminação). É visível, infelizmente, o descontentamento do movimento com relação à tradição milenar que, ao longo dos séculos, dependendo do momento histórico, e principalmente no Ocidente, tem sobrevivido a muitos ataques, alguns dos quais se assemelham aos dos dias atuais. O casamento entre um homem e uma mulher é uma prática milenar. Não se pode negar isso. Qual seria então a posição do movimento gay a respeito de tal tradição?

Dentro daquilo que observo, por incrível que pareça, e para lamentar, o movimento

tenta deslegitimar uma relação da qual eles mesmos são frutos, pelo menos é isso que eles passam. Como? Na medida em que tentam mostrar à sociedade que a união entre sexos iguais é uma relação que deve ser respeitada, ao mesmo tempo desrespeitam a outra, como se a união entre um homem e uma mulher fosse coisa de alienígena. Posto isso, os gays desejam ser reconhecidos, mas não reconhecem a outra forma de relação: macho e fêmea. Pelo menos não vejo isso nos discursos do movimento. Esse é um dos pontos negativos do grupo, que busca legitimar suas práticas. Por uma questão puramente ilógica, muitos gays pensam, de modo acríptico que, para legitimar sua causa, tem-se, necessariamente, que deslegitimar as outras. É o comportamento típico daqueles que pensam que para “subir” na vida, deve-se, na mesma proporção e intensidade, derubar os outros. Não! Não pode ser assim.

Não resta dúvida que é um modo de pensar pequeno, mesquinho e altamente restrito. Pessoalmente, não entendo, do ponto de vista meramente conceitual, um movimento que se propõe a defender sua posição, e dentro do estado laico isso é mais do que normal, não consiga perceber suas “ditaduras”. Ainda mais que dentro do movimento gay há muitos intelectuais, mas são pouquíssimos aqueles que conseguem perceber a importância da família (judaico-cristã) na sociedade e sua inegável contribuição para perpetuação da espécie. Será que estou errado quando penso que uma das bandeiras defendidas pelo movimento seja a de deslegitimar o casamento entre um homem e uma mulher? No próximo domingo, se Deus permitir, daremos continuidade a esta discussão.

Ricardo Coelho – professor de Filosofia



A CAVALGADA POR ROBERTO CARLOS

Saúde zero.

“Usar meus beijos como açoite, e a minha mão mais atrevida”. Mexer com essa música machuca meu gosto pessoal. Mas vamos lá. Na versão da cavalgada de Imperatriz, ficaria “Usar minhas botas com esporas, machucando os animais mais atrevidos”. É a realidade. Não há pudores no dia da cavalgada em Imperatriz, não há. Tudo é no máximo. A música, a bebida, o maltrato de alguns jumentos em cavalos, o desperdício da moral. Engraçado, que até o comércio fecha. Precisei comprar um filtro de linha, urgente, perto do meio-dia. Meta-de da loja fechada, o caixa era o único que estava aberto, e a moça revoltada, por não estar vendo merda caindo de cavalo e gente bebendo e gritando em plena luz do dia. Não é um dia que irrita, mas é um dia para ser revisito. Todo ano bato na festa, mas não nos animais. Todo ano espumo de raiva, mas não no asfalto da cidade. Todo ano, quero que a organização seja melhor. E não o arreio do cavalo mais forte. Ano passado, morreu uma moça. Este ano pelo menos até agora, não tive informações sobre algo mais fatal.

Obtive informações de que os carroceiros estavam cadastrados, usavam adesivos de identificação e que fariam o retorno ao chegar perto da rotatória, fazendo o percurso de volta. Carros não foram permitidos por perto. A SETRAN acertou em cheio. Mas há muito mais a fazer.

Muito a se medir em bom senso, no que se julga a maior cavalgada do Brasil.

“ Vou me agarrar aos seus cabelos, pra na cair do seu galope, vou atender aos meus apelos, antes que o dia me sufoque”. Traduzirei esta partes em trocadilhos. Se o bêbado não se agarrar nos cabelos do cavalo, ele cairá. E sim, ele atenderá aos seus apelos, porque apelo de sóbrio que bebe no estilo cavalgada da cidade, só pode ser pra ficar embriagado. Sufocado? Os animais ficam.

“Vou me perder de madrugada, pra te encontrar no meu abraço”. Nessa hora, o cowboy está nos braços da enfermeira, de madrugada, pedindo glicose, pedindo ajuda aos pais, pedindo socorro “alguém segure minha mão”. “Depois de toda cavalgada, vou me deitar no seu cansaço”.

É isso mesmo. Cansei de reclamar. Depois de toda cavalgada, sem nos importarmos se no instante, nós somos dominados ou se dominamos este evento, saberemos que ser gigante, do tamanho dessa festa, é ver muita gente fazendo papel de menino. E claro, no final de tudo, o bêbado sempre verá estrelas mudando de lugar.

Desculpe Roberto Carlos. É que a sua cavalgada faz amor, e a nossa, cagada.

Phelippe Duarte
Cronista e poeta

OS ANIMAIS IRRACIONAIS TAMBÉM TÊM SENTIMENTOS

Nelson Bandeira

Os animais, criatura de Deus, podem não ser como nós seres humanos. Mas são amados quando bem tratados, ou sofrem quando recebem maus tratos. Ou até mesmo morrem por estresses e depressão.

A chamada do presente texto é sobre a Cavalgada realizada no sábado último. É notório que a euforia dos participantes muitas vezes extrapola os limites da tolerância, da consciência e do respeito aos animais que os conduzem até o Parque de Exposição Agropecuária de Imperatriz.

É horrível em pensar nas atrocidades que são cometidas pelo homem com um animal.

Muitas carroças são puxadas por cavalos, burros, conduzindo caixas de isopor com bebidas, caixas de som, com mais de cinco pessoas, com trajes country, muita alegria durante o percurso que arde sob o sol escaldante, até o seu ponto final.

Os animais ficam escumando pelos cantos da boca, com sede, com fome, e os ilustres proprietários agem dando chi-

cotadas para puxar o excesso de peso que recai sobre o seu lombo, que sente e que se move.

E o pior: não aparece nenhuma autoridade do Meio Ambiente ou equivalente, que obrigue alguém a dá água ao animal, já que comida é o chicote que recebe.

É de bom alvitre que se tenha a noção de que os Animais Irracionais Também Têm Sentimentos. Se a água é vida para o ser humano, os animais não fogem à regra. Seu animal deve beber água limpa, na temperatura ambiente.

Segundo a história de vida do animal, um cavalo saudável bebe por dia entre 15 e 65 litros, dependendo do tempo e do trabalho.

É bom que as instituições que cuidam e protegem os animais, olhem com mais sensibilidade para essa situação, um tanto calamitosa e desrespeitosa. Todos nascem iguais perante a vida e têm os mesmos direitos à existência.

“Tome partido. Neutralidade ajuda o opressor, nunca a vítima. Silêncio encoraja o torturador, nunca o torturado.” Elie Wisel